

Atena
Editora

Ano 2020

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS NA AÇÃO DOCENTE 3

MARCOS AURÉLIO ALVES E SILVA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora

Ano 2020

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS NA AÇÃO DOCENTE 3

MARCOS AURÉLIO ALVES E SILVA
(ORGANIZADOR)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

Edição de Arte Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Revisão Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Formação de professores:
perspectivas teóricas e práticas na ação
docente**

3

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Marcos Aurélio Alves e Silva

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

F723 Formação de professores [recurso eletrônico] : perspectivas teóricas e práticas na ação docente 3 / Organizador Marcos Aurélio Alves e Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-215-9
DOI 10.22533/at.ed.159202707

1. Educação. 2. Prática de ensino. 3. Professores – Formação.
I. Silva, Marcos Aurélio Alves e.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book “Formação de Professores: Perspectivas Teóricas e Práticas na Ação Docente” é uma obra composta por vários trabalhos com traços relevantes no que concerne a discussão da temática da formação de professores. Apresenta relatos que propiciam uma leitura convidativa que tange abordagens teóricas e práticas da formação inicial a formação continuada dos docentes.

Neste sentido, o livro tem como objetivo central em apresentar de forma clara, os estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do país. No segundo volume é contido escritos que abordam questões da profissionalização docente em seu âmbito de atuação com ênfase, em especial, as temáticas da tecnologia, inclusão, gestão, avaliação e política educacional. Ainda neste volume, é possível encontrar relatos que apontam para os cursos de formação de professores, a partir das práticas que nestes estão inclusas.

O terceiro volume é marcado de modo particular, por debates que enfatizam o professor nas várias modalidades de ensino e o construto de sua identidade enquanto profissional. Também é possível apreciar os trabalhos realizados na atuação do professor em sala de aula, diante dos recursos e metodologias que contribuem na dinâmica do processo de ensino-aprendizagem.

Temas diversos e interessantes são, deste modo, discutidos aqui com a proposta de fundamentar o conhecimento de acadêmicos, mestres, doutores e todos aqueles que de alguma forma se interessam pela temática da formação de professores. Possuir um material que discuta as questões relacionadas a essa temática é muito relevante, pois adentra nos aspectos da profissionalização de uma categoria marcada de características ao longo do tempo.

Deste modo o e-book “Formação de Professores: Perspectivas Teóricas e Práticas na Ação Docente 2 e 3” apresentam uma teoria bem fundamentada nos resultados obtidos pelos diversos professores e acadêmicos que arduamente desenvolveram seus trabalhos que aqui são apresentados de maneira concisa e didática. Sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos também a estrutura da Atena Editora capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes pesquisadores expor e divulgar seus resultados.

Marcos Aurélio Alves e Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL BASEADA NA HISTÓRIA DE VIDA	
Anaisa Alves de Moura Maria Suelane Pereira da Silva André Muniz de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.1592027071	
CAPÍTULO 2	10
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: UM ESTADO DO CONHECIMENTO	
Ana Izabel da Silva Rosário Leonardo Alcântara Alves	
DOI 10.22533/at.ed.1592027072	
CAPÍTULO 3	23
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E A APRENDIZAGEM PARA AÇÃO SOCIOPOLÍTICA POR MEIO DE ANÁLISE DE QUESTÃO SOCIOCIENTÍFICA	
Katia Dias Ferreira Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.1592027073	
CAPÍTULO 4	36
ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL: FERRAMENTAS METODOLÓGICAS ENVOLVENDO O ENSINO DE BIOQUÍMICA NO ENSINO MÉDIO	
Ananda Thaysse do Val Soares Francilayra Adelina da Silva Roseno Ana Beatriz Araújo Dantas Marlúcia da Silva Bezerra Lacerda Francisco de Assis Diniz Sobrinho	
DOI 10.22533/at.ed.1592027074	
CAPÍTULO 5	49
APRENDIZAGEM EM <i>DOUBLE LOOP</i> : OS SABERES DOCENTES E A IMPORTÂNCIA DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO E DO CURRÍCULO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Pâmela Christina Gonçalves de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.1592027075	
CAPÍTULO 6	58
CONTRIBUTOS DAS PESQUISAS DESENVOLVIDAS NO PPGEd/UFPI PARA A REFLEXÃO ACERCA DA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Débora Nívea Ferreira de Sousa Reis Josania Lima Portela Carvalhêdo	
DOI 10.22533/at.ed.1592027076	
CAPÍTULO 7	70
DA LUTA POR DIREITOS AO EXERCÍCIO DA CIDADANIA: EMBATES E DISCUSSÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA BAIXA MOGIANA	
Alex Barreiro	
DOI 10.22533/at.ed.1592027077	

CAPÍTULO 8 78

DESAFIOS E POTENCIALIDADES DO PARFOR: REFLEXÕES A PARTIR DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES (AS) DE HISTÓRIA NA URCA

Joaquim dos Santos
Maria Arleilma Ferreira de Sousa
Paula Cristiane de Lyra Santos

DOI 10.22533/at.ed.1592027078

CAPÍTULO 9 90

INCLUSÃO ESCOLAR DE EDUCANDOS COM TRANSTORNO DE DÉFICITE DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE EM ESCOLAS DE ENSINO REGULAR

Raimunda Fernandes da Silva Souza
Rozineide Iraci Pereira da Silva
Diógenes José Gusmão Coutinho

DOI 10.22533/at.ed.1592027079

CAPÍTULO 10 100

LIDANDO COM A DIVERSIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

Rafaela Andréia Lopes
Iury de Almeida Accordi
Andréia Ambrósio-Accordi

DOI 10.22533/at.ed.15920270710

CAPÍTULO 11 112

MUDANÇAS NO PERFIL PROFISSIONAL DO PROFESSOR: BREVE HISTÓRICO

Juliana Campos Francelino
Flavinês Rebolo

DOI 10.22533/at.ed.15920270711

CAPÍTULO 12 122

NARRATIVAS PEDAGÓGICAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Maria Cristina G. Fortes
Renata C. O. Barrichelo Cunha

DOI 10.22533/at.ed.15920270712

CAPÍTULO 13 124

O CONCEITO DE *PROFESSOR REFLEXIVO* COMO POSSIBILIDADE DE SOBREVIVÊNCIA PROFISSIONAL DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Cristiano Amaral Garboggini di Giorgi
Andreia Cristiane Silva Wiezzel

DOI 10.22533/at.ed.15920270713

CAPÍTULO 14 136

O PAPEL DOS INSTITUTOS FEDERAIS NA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DO PROFESSOR BACHAREL: CAMINHOS POSSÍVEIS COM AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PRA A FORMAÇÃO INICIAL E PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA EM NÍVEL SUPERIOR.

Josenilda de Souza Silva
Maria Célia Borges

DOI 10.22533/at.ed.15920270714

CAPÍTULO 15 145

O PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL E A ORGANIZAÇÃO NA ROTINA PEDAGÓGICA

Maria do Socorro de Resende Borges

DOI 10.22533/at.ed.15920270715

CAPÍTULO 16 157

ORGANIZAÇÃO CURRICULAR E ENSINO: UMA ANÁLISE DOS CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Camila Alvares Sofiati

Eduardo Henrique Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.15920270716

CAPÍTULO 17 170

PRÁTICA DE RECURSOS HUMANOS: DINÂMICA DE RECRUTAMENTO E SELEÇÃO EM SALA DE AULA

Camila Mendonça Romero Sales

Diego da Silva Sales

Arthur Rezende da Silva

DOI 10.22533/at.ed.15920270717

CAPÍTULO 18 177

PRÁTICA DOCENTE: DIRECIONAMENTOS PARA O TRABALHO PEDAGÓGICO COM O ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL/CEGUEIRA

Geisa Veregue

Miryan Cristina Buzetti

DOI 10.22533/at.ed.15920270718

CAPÍTULO 19 187

PROFESSOR DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PROCESSO DE FORMAÇÃO E SABERES DOCENTES

Josmaria Aparecida de Camargo

Hanny Paola Domingues

Sonia Maria Chaves Haracemiv

DOI 10.22533/at.ed.15920270719

CAPÍTULO 20 197

QUESTÕES SOCIOCIENTÍFICAS E AS DIMENSÕES CONCEITUAIS, PROCEDIMENTAIS E ATITUDINAIS: POSSIBILIDADES NO ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA

Luiza Olivia Lacerda Ramos

Emily Patrícia dos Santos Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.15920270720

CAPÍTULO 21 208

TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO: CONCEPÇÕES DOCENTES SOBRE INTERAÇÕES HUMANAS NOS AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

Gilmar dos Santos Sousa Miranda

DOI 10.22533/at.ed.15920270721

CAPÍTULO 22 219

TROPEÇOS DA GESTÃO DEMOCRÁTICA NA GESTÃO EDUCACIONAL DA CIDADE DE SÃO PAULO (1989-2012)

Sandra Maria Sanches

DOI 10.22533/at.ed.15920270722

CAPÍTULO 23	232
UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA Maria das Dores de Freitas Soares Kyrleys Pereira Vasconcelos DOI 10.22533/at.ed.15920270723	
SOBRE O ORGANIZADOR	243
ÍNDICE REMISSIVO	244

LIDANDO COM A DIVERSIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

Data de aceite: 01/07/2020

Data de submissão: 02 /042020

Rafaela Andréia Lopes

Acadêmica da especialização em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica
Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Caçador, SC

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1725942323483506>.

Iury de Almeida Accordi

Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico

Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Joinville, SC

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1447881278170534>

Andréia Ambrósio-Accordi

Técnica em Assuntos Educacionais

Instituto Federal do Rio Grande do Sul – IFRS
Viamão, RS

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7203584138673571>

RESUMO: A garantia de uma educação de qualidade para todos é imprescindível. Diante disso, percebe-se a necessidade urgente de se discutir sobre sexualidade e gênero no ambiente escolar para que a educação seja voltada para o respeito a todo e qualquer ser

humano diante de um cenário de respeito à diversidade. Ao dialogar com docentes, alunos e alunas da rede básica de ensino de um município no interior de Santa Catarina sobre como eles estão lidando com a diversidade no ambiente escolar, veio à tona questões que iam desde um desconhecimento sobre o tema até preconceitos e atitudes homofóbicas. Surgiu, então, a necessidade de abordar a questão da diversidade, principalmente sobre assuntos voltados à temática LGBT. Utilizou-se uma abordagem a partir de pressupostos da teoria *queer*, de forma a “estranhar” aquilo que é heteronormativo nas atitudes dos professores, professoras, alunos e alunas. Por meio de oficinas de extensão, buscou-se demonstrar para docentes, alunos, alunas e corpo técnico da escola a importância do respeito a todos dentro de uma perspectiva *queer* de convivência entre as diferentes manifestações de gênero, com a intenção de melhorar preconceitos e tornar o ambiente escolar um local mais harmonioso.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria *queer*. Diversidade. Educação Básica.

DEALING WITH DIVERSITY IN THE SCHOOL

ABSTRACT: Ensuring quality education for all is essential. Considering this, there is an urgent

need to discuss sexuality and gender in the school environment so that education is geared towards respect for each and every human being in the face of a scenario of respect for diversity. When dialoguing with teachers, pupils and students of the basic education network of a municipality in the interior of Santa Catarina about how they are dealing with diversity in the school environment, questions that ranged from a lack of knowledge about the topic to prejudices and homophobic attitudes came up. Then, the need arose to address the issue of diversity, especially on issues related to the LGBT theme. An approach based on the assumptions of queer theory was used, in order to “surprise” what is heteronormative in the attitudes of teachers, male and female students. Through extension workshops, we sought to demonstrate to teachers, students, students and technical staff of the school the importance of respecting everyone within a queer perspective of coexistence between different gender manifestations, with the intention of improving prejudices and making the school environment a more harmonious place.

KEYWORDS: Queer theory. Diversity. Basic education.

1 | INTRODUÇÃO

A Constituição Federal Brasileira de 1988 estabelece que a educação é um direito de todas e todos e, além disso, as condições para acesso e permanência escolar devem ser garantidas pelo Estado (VIEIRA; MACHADO; BUENO; LEWIN, 2015). Apesar disso, conforme apontam Jesus, Ramires, Unbehaum e Cavasin (2008), a escola tem sido quase sempre um ambiente hostil para os/as alunos/as LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis). Os autores salientam que esses alunos e alunas têm uma visibilidade que não desejam e que são vítimas de piadas, risos e de agressões físicas e verbais.

Diante disso, percebe-se a necessidade urgente de se discutir sobre sexualidade e gênero no ambiente escolar para que a educação seja voltada para o respeito a todo e qualquer ser humano diante de um cenário de respeito à diversidade. Nesse contexto, Cicco e Vargas (2016, p.541) afirmam que

uma das temáticas inerentes à sexualidade que transcende os conteúdos abordados no ensino de ciências, imersa no cotidiano escolar, é a denominada ‘diversidade’ sexual, que tem sido palco de disputa de sentidos e tornou-se mais visível recentemente por sua divulgação na mídia.

De um ponto de vista filosófico, Cortella (2014, p. 63) diz que “diversidade é a expressão da vida humana nas suas múltiplas, variadas e particulares manifestações. Para o autor, “o segredo da natureza é a biodiversidade; o segredo da humanidade é a antropodiversidade”. Voltando a temática para a sala de aula, Cicco e Vargas (2016, p.553) afirmam que,

a escola funciona como um ambiente altamente favorável à sexualidade, pois os alunos estão experimentando novas relações, se conhecendo e conhecendo o sexo oposto.

Deve, assim, existir diálogo entre a escola e a família, como alicerce fundamental para o desenvolvimento da sexualidade nos adolescentes, além de atividades sistematizadas e planejadas.

Com base nos argumentos expostos, faz-se necessário a problematização da relação família-escola quando se trata das diferenças relativas ao gênero e ao sexo que permeiam as vivências escolares e das práticas educacionais em suas interseções com a saúde.

Diante disso, entende-se que os docentes devem assegurar uma educação voltada para o respeito a toda essa diversidade presente na sociedade, estimulando a autonomia de seus alunos, auxiliando-os a repensarem sobre seus conceitos, questionando o “senso comum”, para que se tornem cidadãos conscientes, no sentido mais profundo. Como nas palavras de Freire (2011, p.27),

é a força criadora do aprender de que fazem parte a comparação, a repetição, a constatação, a dúvida rebelde, a curiosidade não facilmente satisfeita, que supera os efeitos negativos do falso ensinar. Esta é uma das significativas vantagens dos seres humanos – a de se terem tornado capazes de ir além de seus condicionamentos.

Entretanto, a prática docente atual continua desafiadora para muitos que não buscam conhecimento sobre a temática da diversidade em geral e LGBT em articular e, apesar de ser constitucionalmente garantido, o direito à igualdade é por diversas vezes violado no próprio ambiente escolar.

Ao dialogar com docentes, alunos e alunas de uma escola da rede básica de ensino de um município no interior de Santa Catarina sobre como eles estão lidando com a diversidade no ambiente escolar, veio à tona questões que iam desde um desconhecimento sobre o tema até preconceitos e atitudes homofóbicas. Uma observação do cenário dessa escola, feita pela primeira autora constatou que vários alunos e alunas considerados(as) LGBT, feministas, entre outras alcunhas, estavam vivendo uma situação não condizente com aquela que pretensamente lhes garante uma educação emancipadora e acolhedora que os compreenda e não os rotule.

Surgiu, então, a necessidade de abordar a questão da diversidade, principalmente sobre assuntos voltados à temática LGBT de modo a esclarecer e orientar esses atores do cenário da Educação Básica sobre o respeito à diversidade no ambiente escolar.

Diante disso o objetivo geral desse trabalho foi o de demonstrar a importância do respeito a todos dentro de uma perspectiva de convivência entre as diversidades no ambiente escolar.

2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao ler sobre sexualidade em Foucault (1988, p.79), entende-se que desde há muito tempo e ainda nos dias de hoje a temática é vista como um tabu, muitas pessoas se sentem reprimidas em tocar no assunto, mesmo quando se trata dos seus próprios

desejos. Desde o século passado, estudiosos como o próprio Foucault, tentam levar ao entendimento das pessoas que sexo não é algo reprimido e que não cabe um julgamento a quem trata e busca respostas sobre a temática, ou a quem expõe as questões que tratam do seu desejo pessoal.

Entre as práticas pedagógicas que garantam o direito à diversidade e o respeito às diferenças, a teoria *queer* é aqui apresentada buscando, por meio da prática, um entendimento sobre respeito ao próximo.

Essa teoria *queer* se apropriou do termo *queer*, que pode ser traduzido por “estranho”, “ridículo”, “excêntrico”, “raro”, “extraordinário”. Mas a expressão também é designação pejorativa para homens e mulheres homossexuais, podendo ser traduzido por “bicha”, “viado”, “sapatão”, “boiola”, expressões carregadas de preconceito e que têm a “força de uma invocação sempre repetida, um insulto que ecoa e reitera os gritos de muitos grupos homofóbicos, ao longo do tempo, e que, por isso, adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido” (LOURO, 2004, p. 38). O que hoje chamamos de *queer*, tanto em termos políticos quanto teóricos, surgiu como um impulso crítico em relação à ordem sexual naturalizada através da história, em meados dos conturbados anos 1980. (SILVA; SILVEIRA. COSTA, 2016).

Sobre Foucault e a teoria *queer*, Marinho e Veras (2017) afirmam que Foucault inspirou e continua a inspirar teóricos e teóricas *queer*, principalmente em duas vertentes: uma voltada à problematização do o corpo, a sexualidade e o gênero como dispositivos históricos, que são constituídos por vontades de saber-poder-verdade, ao mesmo tempo atravessados por resistências múltiplas; e a outra que mostra que a sexualidade não é um fato natural da vida humana, mas uma categoria construída das suas experiências históricas, sociais e culturais.

Quanto à teoria *queer* e a educação, MISKOLCI (2017, p. 37) afirma que,

no Brasil, em meio ao processo de universalização do ensino básico que se dá a partir da década de 1990, a educação passa a ser tensionada pelo contato recente com grande parte da população que, historicamente, nunca tinha sido atendida pelo Estado, a não ser talvez, por meio do sistema de saúde. Ao mesmo tempo, as reivindicações dos movimentos sociais ganharam mais atenção pública ao questionar concepções sobre o que seria a nação brasileira. Em outros termos, graças a consolidação da democracia após décadas de regime militar, ficou patente que a sociedade brasileira se revelava incapaz de lidar com as diferenças étnico-raciais, de gênero e sexuais. Diferenças ignoradas e sufocadas durante a ditadura afloraram na democracia clamando por reconhecimento e aceitação”. Foi nesse contexto que em 2001, veio a público um dos primeiros textos sobre o *queer* em nosso país: o “Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação”, de Guacira Louro, publicado na Revista Estudos Feministas.

É notório que existem muitas dificuldades por parte de professoras e professores de se levar a teoria *queer* ou “pedagogia *queer*” quando se trata especificamente de práticas pedagógicas à sala de aula. Nesse sentido, Miskolci (2017, p.69), afirma que é compreensível que educadoras e educadores se vejam diante de uma demanda assustadora, pois, por que lhes cabe trazer experiência desse “outro” (LGBT, *queer*, ou

seja lá o que) para sala de aula? Para o autor, a resposta é tão simples quanto difícil:

porque o medo e a vergonha do outro também tem eco neles. Não é nada fácil lidar com o estigma e a abjeção, pois o que faz do outro, motivo de escárnio coletivo se transfere para quem ousa torná-lo visível, abrir-lhe espaço, deixá-lo falar. Há um vínculo moral com alteridade do qual não se pode fugir, por piores que sejam as consequências para nós mesmos. Às vezes, salvar alguém se impõe ao nosso próprio direito de autopreservação. Se as sensibilidades mudaram e formas ocultas de violência hoje são visíveis e tem até nome é porque novas responsabilidades se instalam em nossos corações.

Cortella (2014, p. 65) postula que “a vida é obra coletiva, construída no cotidiano e com sentido na história”. A autor cita, ainda, o poeta João Cabral de Melo Neto em seu alerta de que “um galo sozinho não tece uma manhã” e complementa que, por outro lado que,

além da união em torno da causa não podemos esquecer da força que as ações litigantes (e que recusam a discriminação, o preconceito ou a exclusão) podem ter na normatização jurídica de nossa convivência”. Em nosso país vale uma grande indagação: estamos caminhando rumo à equidade ou rumo a uma sociedade na qual as pessoas estarão cada vez mais focadas em suas próprias realidades e interesses? Podemos ter os dois cenários, e a escolha por um deles não é mera decisão individual.

3 | METODOLOGIA

Desenvolveu-se uma pesquisa aplicada que objetivou gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de um problema específico. A abordagem foi qualitativa, preocupando-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Quanto aos objetivos, o trabalho é descritivo, pois objetiva a descrição da atividade que foi aplicada e como os participantes interagiram com ela (GIL, 1991).

Adotou-se como procedimento metodológico a pesquisa-ação, que, conforme Thiourent (2000, p. 23)

traz uma melhor relação entre o conhecimento do pesquisador e a realidade circundante, maior interesse dos destinatários, que são tratados como atores dentro de um processo e não como meros receptores, além de tornar possível detectar novas questões específicas, para as quais seriam necessários estudos ou pesquisas mais aprofundadas.

Um grupo de quinze docentes (entre professores e professoras) e cinco alunas de uma escola pública de Educação Básica do município de Caçador, interior de Santa Catarina foram o público-alvo da intervenção, que foi realizada na forma de oficinas durante a semana pedagógica da escola, em fevereiro de 2019.

Quatro oficinas foram ministradas pelos autores e dois técnicos de enfermagem. Essas oficinas se constituem em uma sequência de uma atividade que foi realizada em setembro de 2018, sob a denominação de “lidando com a diversidade e diferença de gênero no ambiente escolar” (AMBRÓSIO-ACCORDI; ACCORDI, 2019). As oficinas aplicadas nessa atividade foram adaptadas a um público alvo diferente para essa intervenção, qual

seja: docentes, equipe gestora e alunos, como descrito a seguir.

3.1 Oficina 1: Estética Corporal.

A oficina de “estética corporal” teve como objetivo produzir um corpo “diferente”, com rótulos baseados em desvios dos padrões normalizadores buscados pela sociedade para um corpo um comportamento tido como “perfeito” e assim gerar uma discussão entre os participantes sobre o poder que os estereótipos têm de influenciar nas vidas uns dos outros

Foi realizada breve exposição sobre o uso amplo do termo *queer*, que não se refere somente à sexualidade, mas sim a tudo o que pode causar um “estranhamento”, um desvio aos padrões considerados “normais”, ou normativos. Foi explicado que qualquer pessoa que foge do padrão normalizador da sociedade é rotulado e passa a ser tratado como “anormal” ou diferente.

A turma foi dividida em pequenos grupos, cada qual com a incumbência de escolher um de seus membros e rotulá-lo com etiquetas que identificassem em seu corpo características consideradas anormais e que pudessem causar “estranheza” (dentro de um contexto queer) aos padrões tidos como normalizadores.

3.2 Oficina 2: Diversidade no Plural.

O objetivo específico da oficina “diversidade no plural” foi levar os docentes a refletir sobre as diversidades existentes em seu ambiente escolar, a forma como agem perante elas, e como poderão melhorar suas atitudes priorizando o respeito a todas as manifestações de diversidade.

Foi explicado para todos os participantes que existem várias “diversidades” (por isso o nome da oficina de “diversidade no plural”), como a diversidade sexual, a diversidade cultural, a diversidade étnico-racial, a diversidade religiosa, entre outras. Também foi enfatizado que uma não deve ter preponderância sobre outras e que todas devem ser igualmente respeitadas.

A turma foi dividida em grupos de aproximadamente seis pessoas. Cada turma se isolou em um local sem contato com as outras com o objetivo de produzir uma cena que simule uma situação de desconforto (por exemplo *Bullying*, assédio ou constrangimento) relacionada a uma das diversidades comentadas. Essa cena deveria ser fotografada para ser exposta ao grande grupo no próximo momento.

Em seguida, cada pequeno grupo expôs sua foto ao grande grupo, para que eles interpretassem a cena e tentassem entender o contexto e a causa da situação de desconforto. Por fim, cada grupo explicou a causa do desconforto e como aquele tipo de situação pode ser evitada em um contexto de respeito às diversidades.

3.3 Oficina 3: Túnel do tempo.

A oficina “túnel do tempo” objetivou conhecer vários estágios da sexualidade humana, relacionando o passado com os dias atuais. Os técnicos em enfermagem apresentaram um contexto histórico, onde a sexualidade e o conceito de gênero usados hoje são baseados no modelo europeu que é considerado o “padrão de sociedade”; abordaram temas sobre a Grécia antiga, papel de gênero, libertinagem, pederastia, adelfopoiese, sodomia, despatologização, protocolo transexualizador e união homoafetiva.

3.4 Oficina 4: Ocupação de direitos.

A oficina de “Ocupação de Direitos” teve o objetivo de proporcionar a cada um dos participantes a exposição de suas ideias, dentro de uma convivência respeitosa, sem rótulos, sem normalizações e, principalmente, com respeito às diversidades.

Foi proporcionado a cada um dos participantes em uma roda de conversa, expor sua ideia a respeito do seu direito de se expressar ou ser o que é. Após a conversa, os participantes foram divididos em pequenos grupos e cada grupo produziu um cartaz expressando o significado de respeito à diversidade, com a intenção de fixar esses cartazes em diversos espaços da escola para o contato dos discentes com a temática.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a oficina de “Estética Corporal”, os grupos produziram rótulos envolvendo marcas de diferenças com conotações: sexistas, como “bunduda”; heteronormativas, como, “machona”, “viado” e “boiola”; estéticas, como “girafa”, “poste”, “baixinha”, “narigudo”, “barrigudo”, “quatro olhos”, “careca bruto”, “gordo”, “piolhento” e culturais, como, “chata”, “grossa”, “bruta”, “malvado”, “demônio”, “mandão”, “teimoso” e “tapado”.

Os rótulos produzidos nessa oficina refletem atitudes ligadas ao comportamento dos próprios professores. Ávila, Toneli e Andaló (2011), afirmam que nesses casos, os docentes

recorrem a seus próprios princípios, mesmo que eles expressem contrariedade à legislação e às políticas públicas governamentais e não levem em consideração os efeitos discriminatórios que a confirmação, através de suas atitudes, pode ter para jovens já vulnerabilizados.

Ao socializar o conteúdo desses rótulos perante o grande grupo, os participantes perceberam o quanto banalizam essa prática, que é corriqueira entre os alunos. A medida em que professores e professoras não orientam devidamente seus alunos e alunas e nem levam o tema para discussão em sala de aula vão ao encontro do que afirma Miskolci (2017, p. 12), no sentido de que

a maioria das crianças e adolescentes – em busca compreensível de aceitação e sobrevivência – aceita ou se deixa moldar pelas demandas educacionais cujo conteúdo

normativo violento – mais frequentemente do que gostaríamos de constatar – não é reconhecido nem mesmo pelos educadores/as como algo a ser discutido e questionado.

É preciso pois, que professores e professoras exercitem suas capacidades de empatia, para que não rotulem, ou permitam a rotulação, mesmo que indiretamente de seus alunos e alunas. Nesse sentido, Barreto e Araújo (2014), afirmam que “docentes podem ser agentes de discriminação no ambiente escolar a medida em que estigmatizam e agridem alunos e alunas que apresentem comportamentos diferentes da heteronormatividade, ou seja, diferentes do ‘padrão’”.

Na oficina de “Diversidade no Plural”, os participantes divididos em pequenos grupos produziram cenas simulando uma situação de desconforto e as fotografaram para serem expostas ao grande grupo. As cenas produzidas foram de assédio, onde simularam a turma em sala de aula, o professor assediando uma aluna ao explicar individualmente o conteúdo em sua carteira e os demais alunos sem entender a situação ou saber como agir; exclusão e *bullying*, em uma cena em que os participantes criaram, que havia um grupo de alunas brincando em roda e deixaram uma colega de fora, por estar usando saia longa e ainda durante a brincadeira faziam “caretas” e comentários pejorativos a respeito da colega; preconceito em uma cena em que duas meninas sentadas de mãos dadas no momento do intervalo e colegas, rotulando-as como “sapatões” entre outros adjetivos, rindo, fazendo comentários e demonstrando a não aceitação e por fim, de constrangimento, em uma cena em que um grupo de alunos desenvolviam uma atividade em equipe na sala de aula e uma aluna tatuada e com cabelo colorido preferiu realizar atividade individualmente, alguns alunos da equipe riam, “apontavam-lhe o dedo” e faziam piadas negativas.

Após fotografarem essas cenas, levaram-nas ao grande grupo onde todos puderam fazer suas considerações. As cenas foram identificadas de acordo com o que o pequeno grupo havia criado e diversas foram as manifestações de desconforto ao relatar tais vivências. Os participantes relataram sentir tristeza, raiva, empatia e desejo de mudança e dialogaram sobre atitudes que favoreçam o respeito às diversidades.

Apesar da participação positiva nessa oficina muitas vezes os professores em seu cotidiano escolar desempenham uma convivência não assumida com discriminações e preconceitos em relação a homossexuais, o que, conforme Abramovay, Castro e Silva (2004, p. 289) se dá ao considerarem que expressões de conotação negativa em relação a esses seriam “brincadeiras” ou “coisas sem importância”. Quanto a isso, Cortella (2014, p.63) afirma que “o respeito à diversidade é a capacidade de afastar a tolice arrogante que supõe ser o único modo correto de existir”.

Ao iniciar a oficina “Túnel do Tempo”, os participantes (docentes e discentes) foram convidados a dizer a primeira palavra que surgisse em sua mente ao ouvir o termo “sexualidade”. Algumas respostas ouvidas foram: “LGBT”, “sexo”, “diferenças”, “hetero”, “abuso”, “pessoas”, “sociedade”, “seres”. Neste caso o significado da palavra sexualidade,

segundo os participantes, deu-se na questão LGBT e no ato carnal em si, partindo então para a reflexão de que a sexualidade é inerente ao ser humano e sempre existiu. O Técnico em Enfermagem afirmou ao grupo que “a sexualidade não está ligada exclusivamente com o sexo ela faz parte do ser”.

As respostas dos participantes podem ser relacionadas ao que diz Dinis (2008), ao afirmar que

é provável que o/a educador/a seja confrontado/a com a própria sexualidade, transparecendo, dessa forma “que a dificuldade da/do docente em tematizar a diversidade sexual também possa ser uma dificuldade em lidar com a sua própria sexualidade e com as múltiplas possibilidades de obter prazer.

Essa oficina proporcionou um momento de reflexão e de considerações dos participantes, que se mostraram instigados a estudar, compreender e dialogar na escola sobre a temática, justamente para minimizar os tabus existentes e pode ser considerada o “ponto alto” da intervenção. Os participantes tiveram uma oportunidade direta de expor o que pensavam sobre o tema da diversidade sexual na escola. Notou-se que muitos deixaram de lado o desconforto em falar a respeito, trazendo ao grande grupo suas experiências sobre preconceito, falta de entendimento, falta de empenho em buscar o conhecimento e principalmente a preocupação em qualificar a própria prática docente. É o que pode ser percebido no relato de uma das docentes participantes:

eu gostei bastante, principalmente a parte que envolve a história, essa questão da sexualidade, porque é uma coisa que vem de anos, e mesmo tendo passado todos esses anos, ainda é um tabu, um preconceito, nossa cabeça precisa evoluir muito, talvez vendo o que está no passado, a gente consiga respostas e melhorias para o futuro.

Pode-se relacionar esse relato ao que diz Costa (19905) ao afirmar que os/as professores/as têm uma grande capacidade para perceber os problemas educacionais, principalmente aqueles implicados no currículo e no ensino. No entanto, continua a autora, esses/as professores/as possuem limitações no sentido de participar do encaminhamento de soluções, relacionadas ao fato de que não dispõem de recursos teórico-conceituais para a interpretação e equação da complexa problemática da escola na sociedade.

Na oficina de “Ocupação de Direitos”, os participantes criaram cartazes com base na reflexão sobre respeito à diversidade, com palavras, frases e desenhos. Os cartazes foram distribuídos em diversos espaços da escola, para que todos continuem mantendo o contato com a temática, trazendo à tona o conhecimento adquirido e a intenção de qualificação na prática diária ao longo do ano letivo e para que os docentes e discentes que não participaram sintam-se integrados e acolhidos.

Entre as frases produzidas pelos participantes, destacam-se algumas como: “Ser diferente não é crime”; “empatia, compreensão, respeito, afeto, companheirismo e amor”; “Igualdade de direitos e deveres”; “Infinito: filho, filha, mãe, pai, sociedade, escola, respeito, sexualidade, carinho e amor”; “O sol brilha para todos”.

Dessa forma, concorda-se com Jesus, Ramires, Unbehau e Cavašin (2008),

que a escola deve exercer um papel fundamental tanto na desconstrução de mitos e preconceitos, como na promoção de valores democráticos de respeito ao outro.

Ao fim da intervenção os participantes avaliaram a atividade e algumas das considerações apontam para o cumprimento do objetivo, que foi demonstrar a importância do respeito a todos dentro de uma perspectiva *queer* de convivência entre as diferentes manifestações de gênero.

As palavras finais da avaliação dos participantes foram: “eu aprendi bastante, acredito que agora vou conseguir ajudar em sala, aprendi muitas coisas que antes tinha dúvida”; “eu gostei porque tinha coisas que eu não sabia e hoje adquiri bastante conhecimento e isso é muito importante, porque tem gente com a cabeça fechada e é bom que todos entendam que essa diferença é algo normal”; “vou resumir em uma palavra: evolução”; “eu gostei, porque eu tinha bastante dificuldade em lidar com algumas situações referentes a temática e essa intervenção me trouxe muitas respostas”; “ajudou bastante, começou com os professores e espero que você [a primeira autora] volte para fazer esse trabalho com os alunos”; “foi o início de uma desconstrução”; “crescimento”; “humanizar”; “aprender a lidar com as diferenças e respeitá-las”; “é o início, ainda tenho dificuldade em lidar com este assunto, mas minha visão com relação a isso mudou e quando eu não consigo solucionar as questões sobre o assunto procuro alguém que possa orientar no meu lugar ou me auxiliar”.

O desenvolvimento das atividades e os resultados obtidos vai ao encontro da afirmação de Miskolci (2017, p. 57) de que

o grande desafio na educação talvez permaneça o mesmo: o de repensar o que é educar, como educar e para que educar. Em uma perspectiva não normalizadora, educar seria uma atividade dialógica em que as experiências até hoje invisibilizadas, não reconhecidas, ou mais comumente, violentadas, passassem a ser incorporadas no cotidiano escolar, modificando a hierarquia entre quem educa e quem é educado e buscando estabelecer mais simetria entre eles de forma a se passar da educação para um aprendizado relacional e transformador para ambos..

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção toda foi desenvolvida com a intenção de eliminar preconceitos e tornar o ambiente escolar um local mais respeitoso, onde os professores e professoras se coloquem a ensinar e aprender com seus alunos levando em conta e respeitando todas as diversidades. Durante o desenvolvimento das atividades nas oficinas apareceram relatos por parte dos docentes sobre o desafio de lecionar diante da temática da sexualidade e diversidade que deixaram claro a falta de proximidade com seus alunos e alunas e a falta da busca de conhecimento sobre tais assuntos.

Por esse motivo, o foco principal das atividades foi levar a reflexão aos professores e professoras da escola, para que busquem o conhecimento necessário e estreitem laços

com seus alunos e alunas, no sentido que levarem a eles e elas essa reflexão e que os façam entender que todos têm o direito de se expressarem ou serem como são.

Concorda-se com Miskolci (2017, p. 63) no que ele afirma que

temos que encarar o desafio possível de lidar com a sexualidade como algo cultural e que influencia todos os aspectos da nossa vida em sociedade. Precisamos repensar nossos modelos de recusa, mas também os de aceitação. Nesse sentido, temos que olhar mais criticamente para as representações culturais com as quais vivemos, nos divertimos e também aprendemos. Poderíamos tentar inserir ruído, inserir dúvida sobre coisas que antes ainda eram vistas como naturais ou indiscutíveis.

A primeira autora relaciona o relato desse artigo a sua própria experiência na escola, onde sentiu a necessidade de mudança na prática docente dentro de uma convivência respeitosa, buscando promover também esse estreitamento de laços e partilha de conhecimentos, a fim de conquistar um ensino de qualidade que seja usado como uma ferramenta que desperta o respeito ao próximo.

Conclui-se reafirmando o sentimento de compreensão e respeito que foi plantando nos participantes, como uma “semente”, sobre a importância de adquirir conhecimento sobre a temática da sexualidade e diversidade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: Edições UNESCO Brasil, 2004.

AVILA, A. H.; TONELI, M. J. F.; ANDALÓ, C. S. de A. Professores/as diante da sexualidade-gênero no cotidiano escolar. **Psicologia em Estudo**, v. 16, n. 2, p. 289-298, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n2/a12v16n2.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2020.

AMBRÓSIO-ACCORDI, A.; ACCORDI, I. de A. Discutindo diversidade e diferenças de gênero no ambiente escolar. In: SEMINÁRIO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA REGIÃO SUL, 37., 2019, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2020. p. 97. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/199347>. Acesso em: 2 abr. 2020.

BARRETO, M. I.; ARAÚJO, M. I. O. O estereótipo do homossexual em professores (as) de ciências. **Revista Ambivalências**, v. 2, n. 3, p. 106-135, 2014. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Ambivalencias/article/view/2555>. Acesso em: 2 abr. 2020.

CHAKUR, C. R. de S. L. Fundamentos da prática docente: por uma pedagogia ativa. **Paidéia**, n. 8-9, p. 37-52, 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/n8-9/04.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2020.

CICCO, R.R., VARGAS, P. E. Diversidade sexual, gênero e novas formas de organização da família: Questões para o ensino e a comensalidade. **Demetra**, v. 11, n. 3, p. 539-557, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/view/22446>. Acesso em: 27 jul. 2019.

CORTELLA, M. S. **Não se desespere**: Provocações filosóficas. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

COSTA, M. C. V. Elementos para uma crítica das metodologias participativas de pesquisa. In: VEIGA NETO, A. J. da (Org.). **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995. p. 109-158.

DINIS, N. F. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. **Educação & Sociedade**, v. 29, n. 103, p.

477-492, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n103/09.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2020.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. V. 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas: 2002.

JESUS, B. de; RAMIRES, L.; UNBEHAUM, S.; CAVASIN, S. Diversidade Sexual na Escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens. Ed. Especial Revista e Ampliada. São Paulo: ECOS – Comunicação em Sexualidade. 2008. 92 p. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2015/11/Diversidade-Sexual-na-Escola-uma-metodologia-de-trabalho-CORSA-e-ECOS-2008-1.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2019.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e Teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. 92 p.

MARINHO, C. M.; VERAS, E. F. Michel Foucault e a teoria queer. **Revista Bagoas**, v. 11, n. 16, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/12527>. Acesso em 2 abr. 2020.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SILVA, J. P. de L.; SILVEIRA, E. L.; COSTA, L. C. S. A teoria queer e os muros da escola: tessituras entre práticas e (des)normalizações. *Textura*, v. 18, n. 38, p. 143-161, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/download/2057/1943>. Acesso em: 27 jul. 2019.

THIOLLENT, M. A metodologia participativa e sua aplicação em projetos de extensão universitária. In: THIOLLENT, M.; ARAÚJO FILHO, T. de; SOARES, R. L. S. (Orgs.). **Metodologia e experiências em projetos de extensão**. Rio de Janeiro: EdUFF, 2000. p. 19-28.

VIEIRA, V. A.; MACHADO, B. F.; BUENO, K. E.; LEWIN, A. P. M. Gênero e diversidade sexual nas escolas: uma questão de direitos humanos. **Carta Capital** [on line], 17 de julho de 2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/genero-e-diversidade-sexual-nas-escolas-uma-questao-de-direitos-humanos-6727.html>. Acesso em: 27 jul. 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação Sociopolítica 23, 24, 25, 33, 34

C

Ciências Biológicas 10, 11, 12, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 49, 57, 84

Currículo 12, 17, 23, 35, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 67, 80, 81, 108, 116, 117, 119, 127, 128, 131, 132, 140, 149, 151, 152, 158, 159, 165, 166, 167, 168, 170, 172, 176, 190, 191, 193, 195, 200, 201, 218, 220, 225, 227, 230, 240, 243

D

Diretrizes Curriculares 10, 11, 12, 15, 16, 17, 20, 22, 67, 86, 127, 134, 136, 137, 138, 141, 151, 154, 155, 188, 195, 238, 241

Diversidade 12, 55, 59, 72, 73, 74, 75, 76, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 146, 152, 189, 208, 225, 240

Docência 12, 13, 15, 17, 20, 21, 25, 27, 35, 36, 38, 46, 49, 50, 52, 54, 55, 56, 57, 60, 64, 65, 68, 86, 89, 127, 129, 132, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 144, 145, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 189, 190, 195, 196, 238, 239, 241, 243

Double-Loop 49, 50, 57

E

Educação Básica 18, 19, 20, 26, 36, 37, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 73, 78, 79, 95, 100, 102, 104, 115, 117, 122, 134, 137, 138, 139, 141, 142, 143, 145, 150, 152, 163, 165, 195, 198, 226, 230, 235, 236, 238, 240

Educação de Jovens e Adultos 187, 188, 189, 191, 194, 195

Educação Infantil 46, 47, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 163

Educação para Cidadania 197

Educação Superior 12, 17, 57, 138, 139, 140, 143, 144, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169

Ensino-Aprendizagem 8, 13, 29, 37, 38, 40, 46, 54, 84, 86, 88, 138, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 168, 175, 176, 189, 211, 212, 227

Ensino de Ciências e Biologia 47, 197

Ensino de História 78, 88, 89

Ensino Regular 41, 90, 92, 96, 97, 118, 186

F

Formação Continuada 3, 14, 50, 51, 67, 98, 136, 137, 138, 141, 143, 172, 190, 193, 223, 227, 232, 234, 236, 237, 238, 240, 241

Formação Docente 10, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 29, 32, 34, 35, 36, 38, 54, 57, 60, 64, 65, 67, 78, 79, 80, 83, 87, 88, 114, 121, 122, 140, 142, 168, 187, 232, 234, 236

Formação Inicial 3, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 21, 22, 23, 25, 27, 28, 33, 47, 50, 51, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 123, 131, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 187, 190, 194, 234, 237, 239, 240, 241, 242

H

Histórias de Vida 1, 2, 3, 8, 9

I

Identidade Profissional 1, 2, 61, 79, 128, 234, 235, 239

Inclusão 19, 90, 91, 93, 94, 96, 97, 98, 112, 113, 115, 118, 121, 152, 161, 165, 166, 168, 179, 186, 225

Institutos Federais 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 170

Instrumentos de Ensino 37

M

Mostra Científica 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45

O

Organização Curricular 157, 158, 159, 160, 161, 162, 167, 237

P

PARFOR 15, 18, 19, 20, 22, 68, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 88, 89

Política Educacional 124, 134, 137, 219, 220, 222, 223, 224, 227, 228, 230

Políticas Públicas 10, 11, 13, 16, 18, 20, 72, 73, 94, 98, 106, 124, 127, 128, 134, 143, 187, 194, 195, 199, 230, 243

Prática Docente 19, 37, 49, 51, 54, 56, 85, 90, 102, 108, 110, 121, 125, 127, 130, 152, 164, 165, 166, 169, 177, 187, 189, 200, 206, 209, 214, 234, 237

Professor Bacharel 136, 137, 138, 140, 141, 143

Professor Reflexivo 17, 34, 114, 124, 125, 126, 127, 130, 131, 133, 134, 135, 234, 237, 242

Profissão Docente 13, 32, 51, 60, 61, 112, 131, 135, 233, 234, 241, 242

Projeto Político-Pedagógico 49

Q

Questões Sociocientíficas 23, 24, 35, 197, 199, 201, 202, 204, 205, 206

R

Recursos Humanos 170, 176

Reformas Educacionais 126, 219, 220, 230, 235

Rotina Pedagógica 145, 146, 153

T

TDAH 90, 94, 95, 96, 98

Tecnologia 10, 21, 23, 25, 27, 28, 34, 36, 115, 137, 139, 140, 142, 143, 158, 165, 168, 169, 173, 199, 200, 201, 202, 205, 208, 209, 211, 212, 214, 215, 217, 218, 243

Teoria Queer 100, 103, 111

Trabalho do Professor 26, 31, 113, 130, 145, 146, 156, 193, 242

Atena
Editora

Ano 2020

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS NA AÇÃO DOCENTE 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS NA AÇÃO DOCENTE 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 